

Representações de Homossexualidades em Quadrinhos de Super-Heróis: Uma Análise dos Personagens Wiccano e Hulkling em *Avengers: The Children's Crusade*¹

Autor: Gabriel Escaleira de Oliveira Ferreira²

Orientadora: Profa. Dra. Roberta Brandalise³

Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

Resumo

Este artigo pretende analisar as representações de homossexualidades presentes em quadrinhos de super-heróis estadunidenses, traçando inferências sobre a relação que estas mantêm com a formação e manutenção da identidade cultural homossexual. Para tanto, este trabalho busca articular a correlação entre ideologia, representação e identidade cultural, a partir de conceitos de Mikhail Bakhtin e Stuart Hall, para, em um segundo momento, expor elementos constituintes da experiência social da homossexualidade e avaliar como estes são apresentados, ou invisibilizados, pela indústria de quadrinhos norte-americana. Por fim, é realizado um estudo de caso a partir da série *Avengers: The Children's Crusade*, que evidencia o potencial que representações possuem tanto de contar a narrativa da cultura homossexual como de expor novas formas de vivencia-la.

Palavras-chave: *Young Avengers* (1); Homossexualidade (2); Identidade cultural (3); Representações (4); Histórias em quadrinhos (5)

1. Introdução

Dentro de uma sociedade que instituiu a heterossexualidade como o consenso geral, qualquer outra forma de sexualidade é, conseqüentemente, marginalizada. As representações midiáticas, por muito tempo, refletiram este conflito, perpetuando estereótipos negativos e invisibilizando identidades. Entretanto, essa situação parece estar mudando aos poucos conforme novas estratégias representacionais são utilizadas para atender às demandas de grupos não contemplados pela ideologia dominante.

¹ Trabalho submetido ao IJ – Comunicação, espaço e cidadania, XII Intercom Júnior.

² Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Cásper Líbero, email: Gabriel.escaleira09@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, email: rbrandalise@casperlibero.edu.br

Podemos citar como exemplo dessa nova realidade o gradual crescimento no número de personagens homossexuais a figurar em história em quadrinhos de super-heróis norte-americanos. Um meio que anteriormente não retratava o tema passou, aos poucos, a integrar a diversidade sexual em suas publicações, com resultados variados. Porém, devido ao caráter ideológico das representações, é necessário que estas sejam analisadas a partir do contexto no qual estão inseridas.

Por essa razão, este trabalho se dedicará a examinar a relação entre ideologia, representação e identidade cultural e estudar o significado da homossexualidade dentro da experiência social para, em seguida, aplicar estes conceitos na análise das representações homossexuais presentes na história em quadrinhos intitulada *Avengers: The Children's Crusade*, mais especificamente dos personagens Wiccano e Hulkling.

2. Reflexões sobre representação, ideologias e identidades culturais

O conceito de representação é, por si só, objeto de grande discussão teórica. Diversas formulações foram realizadas visando delimitar o significado deste conceito, que não pode ser contido dentro de apenas um campo científico. De modo geral, a representação pode ser entendida como uma forma de apreender a realidade cognoscível, que se apresenta constituída por representações, que por sua vez substituem algo que está ausente buscando torna-lo presente outra vez. Entretanto, para que a representação possa realizar essa substituição do objeto ausente, se faz necessária uma “semelhança” com aquilo que está ausente (SOARES, 2007).

Como apontado por Murilo César Soares (2007:48) ao traçar uma breve linha evolutiva do desenvolvimento do conceito de representação, apenas no século XIX, com Marx e Engels, é que as determinantes sociais que agiam dentro das representações passaram a serem levadas em conta. Utilizando o termo “ideologia”, essa nova abordagem considera a possibilidade da produção social das ideias, entendendo que as coletividades instaurariam consensos que, por sua vez, sancionam percepções sobre coisas, pessoas, ideias, estados e processos.

Com o passar do tempo, mais estudiosos se dedicaram a concepção de uma construção social da realidade, pensando a ideologia para além de uma ótica marxista

reducionista de luta de classes. Esses autores compreenderam que há diversas outras identidades presentes no jogo simbólico da sociedade além da relação entre burguesia e proletariado. Como, por exemplo, as identidades de gênero e sexualidade.

No entanto, apesar da existência de identidades plurais, a representação ainda é criada dentro da ideologia pertencente a classe estruturalmente dominante. As representações presentes nos discursos midiáticos, por mais casuais e efêmeras que possam parecer, acabam naturalizando a representação daquilo que “substituem”. Logo, essas representações tem o potencial para edificar consensos e percepções sobre determinados gêneros, grupos sociais e categorias que não condizem com a visão que os mesmos possuem sobre a sua identidade, o que contribui para o estabelecimento ou confirmação de estereótipos potencialmente ofensivos (SOARES, 2007:51).

A razão para tanto se encontra na forma de constituição das ideologias. O filósofo Mikhail Bakhtin foi um dos pensadores responsáveis por situar a ideologia como uma refração particular e específica da realidade. De acordo com o autor, os produtos ideológicos não fazem apenas parte de uma realidade, como também refletem e refratam outras (BAKHTIN, 1997:33). Logo, ao pensarmos a ideologia como uma superestrutura que se situa acima da base econômica e da consciência individual, podemos entender que a criação ideológica tende a distorcer a realidade sob a ótica de um grupo específico e representa-la sob esse ponto de vista particular (BAKHTIN, 1997).

Dentro deste cenário, a representação aparece como forte ferramenta no constante embate entre ideologias díspares. Dentro dela se trava uma disputa que busca, mesmo que sutilmente, transformar em consenso a forma como determinado grupo apreende a realidade. Paradoxalmente, a representação não se constitui como uma via de mão-única, ela é criada com base tanto na experiência direta de determinado grupo como pelo contato que o mesmo teve com outras formas de representação prévias. Longe de ser algo estático, as representações se apresentam tão fluídas quanto as ideologias e identidades. Como concluído pelo autor:

Os seres humanos se relacionam duplamente com o mundo: pela experiência direta dos acontecimentos e simultaneamente pela sua representação. Representar é, assim, uma forma de transcendência, que faz a existência transcorrer num outro patamar, de definições, denominações, interpretações, julgamentos, próprios à condição humana. A representação,

portanto, pode ser tomada como um elemento comum e necessário e como o termo genérico das atividades e realizações culturais, razão da utilização desse conceito em investigações e reflexões em uma variedade de contextos (SOARES, 2007, p.55)

As representações de fato revelam não apenas visões ideológicas de grupos específicos, como também expõe o momento social e histórico das sociedades nas quais são produzidas. Bakhtin afirma que é possível perceber, durante a análise das etapas de desenvolvimento de uma determinada sociedade, certos grupos de objetos que passam a receber maior atenção do corpo social, ganhando um valor particular e sendo subsequentemente incorporados ao domínio da ideologia. Paralelamente, o domínio da ideologia só é habitado por objetos e questões que adquiriram valor social e relevância para a sociedade (BAKHTIN, 1997:44).

A arbitrariedade na atribuição de “valor social”, que costuma ser sempre mediada pela ideologia vigente, acaba por acarretar e colaborar para o processo de invisibilização de determinados grupos sociais. Buscando uma hegemonia ideológica, a classe dominante perpetua seu horizonte social através de representações que carregam suas tradições e valores. O problema reside na forma como essas representações contribuem para a marginalização de grupos sociais que não são contemplados por esta classe. Esse processo não apenas invisibiliza aqueles que não estão em conformidade com a classe dominante, como também afeta a própria identidade destes outros grupos sociais ao criar representações a partir de uma visão específica, que não corresponde a cultura daquela comunidade imaginada.

O que está em jogo é a própria identidade cultural dos grupos sociais. Ao carregar ideologias e revelar práticas culturais, as representações de determinado grupo possuem uma série de responsabilidades quanto a preservação e manutenção de suas identidades. Afinal, como citado anteriormente, os seres humanos se relacionam com as representações em uma via de mão dupla, ao mesmo tempo em que suas identidades as moldam, as mesmas também agem retroativamente, moldando o imaginário desses grupos sociais.

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados nos sistemas culturais que nos rodeiam (HALL, 1987, apud HALL, 2003, p. 13). Desta forma, a identidade é

definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um ‘eu coerente’, mas sim definidas a partir da relação de “internalização” do exterior no sujeito e sua “externalização” do interior, através da ação no mundo social (HALL, 2003:31). Utilizamos o termo identidade cultural para nos referirmos a esta formulação do conceito de identidade. Como definido por Stuart Hall:

Acho que a identidade cultural não é fixa, é sempre híbrida. Mas é justamente por resultar de formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos, que ela pode constituir um ‘posicionamento’, ao qual nós podemos chamar provisoriamente de identidade. Isto não é qualquer coisa. Portanto, cada uma dessas histórias de identidade está inscrita nas posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Temos que viver esse conjunto de posições de identidade com todas as suas especificidades (HALL, 2003, p. 409)

O conceito de identidade cultural, como compreendido por Hall, pressupõe que a identidade é fluída e híbrida. O autor entende que um mesmo sujeito é capaz de possuir mais de uma identidade, e que estas são reconhecidas a partir de processos de identificação que podem ocorrer através de uma série de processos sociais inconscientes como, por exemplo, as representações. Dentro deste jogo simbólico, as identidades culturais, por definição, permanecem sempre incompletas. Como são constituídas a partir de elementos exteriores a si próprias, as identidades culturais existem em estado de formação, sempre assimilando representações, ideologias, tradições culturais e outras práticas do corpo social como parte do “imaginário” de determinado grupo (HALL, 2003).

3. A identidade homossexual e suas representações

A sexualidade humana é uma parte da experiência social através da qual diversos comportamentos, desejos e modos de se relacionar são criados e apreendidos. Entretanto, seria errôneo presumir que a sexualidade não é mediada pelos fatores sociais do momento histórico em que está inserida. Desta forma, a sexualidade transcende a vida particular e adentra a esfera pública, criando posições políticas e identitárias. Posições estas que se coadunam à discursos ideológicos e participam da disputa social pela hegemonia. Dentro deste cenário, qualquer identidade sexual divergente da atrelada ao discurso ideológico

dominante é relegada à um segundo plano na hierarquia social e está sujeita a sofrer uma série de preconceitos.

A ideologia dominante na cultura ocidental contemporânea estabelece a heterossexualidade como o consenso geral, e as demais identidades sexuais como desviantes da norma. Como apontado por Prado e Machado:

Em nossa sociedade, a não-heterossexualidade foi gravemente condenada pelo discurso hegemônico, que, influenciado pelo discurso religioso e médico-científico, legitimou instituições e práticas sociais baseadas em um conjunto de valores heteronormativos, os quais levaram à discriminação negativa e à punição de diversos comportamentos sexuais sob a acusação de crime, pecado ou doença. (PRADO; MACHADO, 2008, p.12)

Consideremos como exemplo a homossexualidade, identidade abordada neste trabalho. Segundo Peter Fry (1985, p.7): “A homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo”. A variação mencionada pelo autor ocorre graças às diferentes possibilidades de produção de sentidos que arranjos sociais distintos dão à esta identidade sexual. Deste modo, a homossexualidade significa uma coisa na Grécia Antiga, outra na Europa do fim do século XIX, e assim por diante (FRY, 1985:7).

A afirmação de Fry reforça a importância da experiência social na construção das identidades sexuais, ao invés de concebê-las como o resultado hermético de uma experiência individual. Assim como Prado e Machado, o autor sugere que resgatemos a homossexualidade do campo da psicologia e da medicina para colocá-la no campo do estudo da cultura e da política (FRY, 1985:8). Esta transição nos permite uma análise da sexualidade que compreende a importância da relação entre indivíduo e sociedade também na constituição de ideais e práticas referentes às comunidades imaginadas que se constituem a partir de sexualidades consideradas minoritárias.

O discurso hegemônico heteronormativo age como um mecanismo de controle social que desloca os sujeitos homossexuais para uma posição de subalternidade. Historicamente, a homossexualidade é uma categoria legitimada por diferentes formas de desigualdade perante o corpo social, que decorrem dos preconceitos fomentados pelo discurso ideológico heterossexual. Este processo transformou a não-heterossexualidade em

um problema político, que se reflete nas pautas de grupos não contemplados pelo discurso vigente ao buscarem reconhecimento social e a equivalência de direitos (PRADO; MACHADO, 2008:16). Como elaborado por Prado e Machado:

Assim, falarmos em identidades homossexuais envolve não somente as formas e práticas de exercer a sexualidade, mas suas performances públicas, a construção dos direitos e deveres conquistados, os espaços institucionais ofuscados, as formas específicas de opressão e muitas outras questões que sempre estão circunscritas pela forma moral e estética concorrente a determinada posição hegemônica de objetivações sociais de indivíduos, grupos e sociedades.” (PRADO; MACHADO, 2008, p. 17)

O reconhecimento da homossexualidade como uma identidade cultural que possui suas próprias pautas políticas é reflexo do fenômeno de “politização da vida cotidiana”, no qual sociedades enxergam o poder não apenas no Estado, mas também no indivíduo (FRY, 1985:117). Esta identidade não é definida apenas pela relação afetiva entre pessoas do mesmo sexo, mas também por todas as questões políticas circunscritas em suas experiências. Consequentemente, as ideologias dos sujeitos homossexuais participam da luta simbólica que ocorre dentro da sociedade, buscando visibilidade, reconhecimento e equivalência de direitos.

Neste nascente século XXI podemos observar uma visibilidade cada vez maior, em debates públicos e na mídia, de temas relacionados à diversidade sexual. Entretanto, é preciso realizar uma análise crítica das representações de homossexualidades criadas pela mídia. Como apontado por Iara Beleli (2009:113): “A visibilidade de gays e lésbicas na mídia esteve marcada por estereótipos que mostravam gays afeminados e lésbicas masculinizadas”. Estas produções caricatas provém, muitas vezes, de um imaginário preconceituoso, criado dentro de ideologias que tentam hegemonizar a experiência homossexual a partir de uma ótica particular que não condiz com a vivência de indivíduos gays.

As representações homossexuais sofrem, deste modo, a influência de ideologias díspares que acabam por criar padrões que podem, inclusive, tornarem-se repressivos para à comunidade imaginada. A imposição de padrões de beleza, consumo, e a aplicação da moral sexual normalmente aplicada a relações heterossexuais, por exemplo, criam situações de dissenso entre representação e realidade que podem se provar danosas aos sujeitos (Fry,

1985:98). Como muito lucidamente se manifestou Beleli (2009:118): “A questão aqui não é se os ‘diferentes’ são ou não incluídos, pois a inclusão parece estar sendo feita, mas como as imagens são editadas de forma a não desestabilizar o status quo”.

4. A fundação da Marvel Comics e breve contextualização das representações de homossexualidade nos quadrinhos de super-heróis

A moderna forma artística que chamamos de histórias em quadrinhos foi definida pelo teórico e quadrinista Scott McCloud (1995:9) como: “Imagens pictóricas e outras justapostas em sequência deliberada destinadas a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador”. Esta definição fundamenta-se na elaboração realizada, anos antes, por Will Eisner (1995), ao utilizar o termo “arte sequencial” para tratar as histórias em quadrinhos ou, como são conhecidas em inglês: comics, termo que falha em indicar as potencialidades desta forma de expressão.

Compreendida por Eisner (1995) como uma “arte da comunicação”, as histórias em quadrinhos são um poderoso veículo de expressão criativa que se organiza como uma linguagem para narrar uma história ou dramatizar uma ideia. Seu vocabulário próprio contém uma série de ferramentas discursivas desenvolvidas ao longo de sua história, tais como balões de fala, recordatórios, requadros, e o costumeiro uso de imagens representativas justapostas por palavras.

Considerada uma das maiores editoras de quadrinhos norte-americanos, a Marvel Comics é responsável pela publicação de alguns dos títulos mais icônicos do gênero de super-heróis, como Amazing Spider-Man, Uncanny X-Men, etc. A história da Marvel tem início em 1939 quando o editor Martin Goodman, motivado pelas vendas da recém-lançada Action Comics (que introduziu o personagem Superman), decidiu criar sua própria editora voltada à publicação de quadrinhos de super-heróis. A editora foi batizada como Timely Publications e, em outubro do mesmo ano, lançou sua primeira revista, chamada Marvel Comics, título que se tornaria, décadas mais tarde, o nome atual da editora (GUERRA, 2011:11).

Com o final da Segunda Guerra Mundial os quadrinhos de super-heróis entraram em processo de declínio, o que levou a Timely (que neste momento se chamava Atlas Comics)

e outras editoras do gênero a diversificar seu catálogo, produzindo desde contos de terror até tiras humorísticas (GUERRA, 2011:14). Contudo, ao final da década, o então editor Stanley Lieber, mais conhecido como Stan Lee, decidiu reunir um pequeno grupo de talentosos artistas, que seriam responsáveis pela transformação da Atlas em Marvel Comics (GUERRA, 2011:16).

Entretanto, mesmo com seus protagonistas complexos que visavam representar, dentro das possibilidades estéticas do gênero, a realidade cotidiana de forma a aproximar seus heróis do público, foram necessárias décadas até que personagens gays expressivos figurassem nas publicações Marvel. Como apontado pelo jornalista Emmet Furray, ao realizar um resgate histórico em sua série, dividida em quatro partes, sobre a homossexualidade nos quadrinhos estadunidenses, o problema estava longe de ser um fenômeno isolado da editora.

O autor ressalta a complexidade de escrever sobre a história da homossexualidade nos quadrinhos uma vez que, por um longo período, qualquer forma de sexualidade presente nas publicações *mainstream* era considerada tabu. Este fato decorre diretamente da publicação, em 1954, do livro “Sedução dos Inocentes”, pelo Dr. Fredric Wertham. Em sua obra, o psiquiatra alerta sobre a violência e conteúdo sexual presente nas histórias em quadrinhos que poderiam influenciar negativamente seus leitores. Sob a ameaça de censura por parte do governo, a Comic Magazine Association of America optou por criar o Comics Code Authority, que agiria como um órgão de autocensura.

O Comics Code Authority, por sua vez, era responsável por fiscalizar os quadrinhos publicados e garantir que estes seguissem o Comics Code, elaborado no mesmo ano. A primeira versão do código é notória por sua rigidez, valores conservadores e o profundo impacto que causou na indústria de quadrinhos. A representação de crimes, violência ou sexo eram toleradas apenas sob diretrizes muito específicas, enquanto a representação de temas considerados imorais pelos valores da época era expressamente proibida. Curiosamente, a homossexualidade nunca foi explicitamente proibida em nenhuma das versões do código, embora representações gráficas de sexo de qualquer tipo o fossem, assim como “perversões sexuais”, categoria que era definida pelo julgamento particular do fiscal responsável.

Aos poucos, a pressão exercida pelo Comics Code perdeu força, permitindo às editoras maior liberdade criativa. Alguns autores da indústria, como o escritor Mark Millar, acreditam que este processo, aliado ao aumento na base de leitores mais velhos, permitiu que as publicações amadurecessem e tratassem temas que antes seriam barrados pelo código e pela crença de que quadrinhos fossem uma mídia exclusivamente voltada ao público infantil. De acordo com o roteirista, aos poucos diferentes formas de sexualidade passaram a figurar nas páginas das revistas.

O jornalista Andrew Harrison, em artigo escrito para o jornal britânico *The Guardian*, ressalta que o avanço nas representações não se deve apenas à mudança no público dos quadrinhos estadunidenses, mas também na crescente diversificação dos novos autores deste meio. O maior número de indivíduos pertencentes a identidades culturais marginalizadas pelo discurso ideológico dentro de posições de poder na indústria dos quadrinhos permitiu uma maior diversificação nas representações criadas por esta mídia, bem como uma revisão de certos estereótipos.

Contudo, o processo, mesmo que em curso, ainda precisa lidar com a gigantesca defasagem na representação de personagens homossexuais, causada pela repressão ideológica do Comics Code. A censura operada por este baseou-se em um modelo que, na busca por perpetuar o horizonte social de um grupo conservador, colaborou ainda mais para a exclusão de representações homossexuais dentro dos quadrinhos estadunidenses. Os maiores ícones desta indústria são, conseqüentemente, personagens heterossexuais já consolidados. Neste cenário é nítida a importância de personagens homossexuais relevantes dentro do universo Marvel, como, por exemplo, os mutantes Estrela-Polar, Rictor e Shatterstar, e o casal adolescente Wiccano e Hulkling.

5. Wiccano, Hulkling e as representações de homossexualidades em Avengers: The Children's Crusade

A máxissérie em doze edições intitulada *Avengers: The Children's Crusade* foi publicada no Brasil pela Panini Comics em dois volumes especiais no ano de 2012 sob o título “A Cruzada das Crianças”. A série marca o retorno da dupla Allan Heinberg e Jim Cheung aos personagens que criaram no título *Young Avengers*, em 2005. Curiosamente, estes personagens permaneceram praticamente intocados por outros autores durante o

período compreendido entre o final da colaboração inicial de seus criadores e o início de *The Children's Crusade*. Originalmente publicada entre 2010 e 2012, A Cruzada das Crianças é, até agora, o último trabalho do roteirista Allan Heinberg e do desenhista Jim Cheung com os Jovens Vingadores. A série também é notável por apresentar o primeiro beijo entre o casal homossexual Wiccano e Hulkling.

Billy Kaplan, o Wiccano, e Teddy Altman, Hulkling, são personagens criados por Heinberg e Cheung no título *Young Avengers*. Apresentados desde o começo da série como um casal, Billy e Teddy são dois adolescentes superpoderosos e membros fundadores da equipe de jovens que se inspira nos Vingadores. Teddy é um alienígena dotado de superforça, capaz de alterar sua própria forma, enquanto Billy é um feiticeiro com o poder de alterar a realidade. Apesar da recepção positiva por parte do público, o casal nunca havia sido retratado beijando-se *in pannel*.

Na maxissérie, os poderes de Wiccano alcançam proporções perigosas, rivalizando com os de Wanda Maximoff, a Feiticeira Escarlate, responsável por, em um acesso de loucura, causar uma série de fatalidades no Universo Marvel e desaparecer logo em seguida. Billy também suspeita que Wanda seja sua mãe, o que o lança em uma jornada, ao lado de seus amigos e namorado, em busca dela. No entanto, outros personagens também desejam encontrar a Feiticeira Escarlate por motivos diversos, o que acaba causando um grande conflito entre o grupo e diversos personagens Marvel, como os Vingadores e os X-Men.

Conseqüentemente, como apontado por Heinberg em entrevista cedida a Dave Richards, A Cruzada das Crianças não é uma história regular dos Jovens Vingadores, devido ao seu escopo e grande elenco de personagens, a equipe de adolescentes teria que revezar-se sob os holofotes, salvo exceção de Wiccano, que, de acordo com o roteirista, é o verdadeiro protagonista da história. Billy age, então, como o fio condutor da narrativa.

O protagonismo de Wiccano também pode explicar o destaque que seu relacionamento com Hulkling recebe ao longo das edições. Curioso notar que a equipe de Jovens Vingadores, nesta série, é composta por outros dois casais, ambos heterossexuais. Entretanto, enquanto essas relações são retratadas como conflituosas, Billy e Teddy são representados como um casal estável e apaixonado. Retomando a elaboração de Beleli (2009), pode-se afirmar que essa representação do casal serve a função de não perturbar o

status quo mais do que o necessário, buscando compensar qualquer significado negativo que a homossexualidade possa ter para determinado grupo social contrabalaneando-a com a representação de um modelo de relacionamento que se aproxima da moral ideológica heteronormativa. Também vale mencionar que, em nenhum momento ao longo da história, o relacionamento entre os dois é invisibilizado por outros personagens. Mesmo aqueles de idade mais avançada, como o Capitão América, ou Magneto (avô de Billy), demonstram aceitação.

Outro ponto digno de nota é a construção dos personagens de Billy e Teddy, que escapam do antigo estereótipo midiático heteronormativo que busca, por meio de consensos ideológicos, aproximar os casais homossexuais aos papéis socialmente convencionados de relacionamentos heterossexuais. Deste modo, apesar de Teddy possuir uma postura protetora em relação à Billy e ameaçar ferozmente qualquer um que se interponha entre eles, características tipicamente atribuídas ao masculino dentro do discurso ideológico heteronormativo conservador, nem por isso seu namorado assume o papel de fragilidade e dependência que este grupo social reacionário associa ao feminino. Apesar de ser fisicamente mais frágil e claramente mais emotivo, Wiccano é definido diversas vezes ao longo da história como um dos seres mais poderosos do Universo Marvel e inclusive tem seu poder reconhecido em confronto pelo Doutor Destino, um dos vilões mais emblemáticos da editora. Heinberg, que é abertamente homossexual, e Cheung dão vida à um casal que não corresponde aos papéis estereotipados comumente atribuídos pela mídia com a dicotomia “ativos” e “passivos”, que busca dividir a experiência homossexual em duas categorias tão análogas quanto possível à experiência heterossexual, como consequência, eles criam uma representação que evidencia outra forma de se vivenciar relacionamentos gays.

As pautas específicas do movimento homossexual também encontram espaço na série através de metáforas que remetem as questões que este grupo possui com certos discursos ideológicos. Podemos citar como exemplo a sequência em que Billy, em sua tentativa solitária de invadir a Letônia, realiza um feitiço que lhe concede a aparência de sua mãe, que teria livre acesso ao local. Após o sucesso do feitiço, o personagem corre a afirmar que “quero deixar registrado que não sou o tipo de pessoa que curte se vestir com as roupas da mãe...” (HEINBERG, 2012:68). A afirmação de Wiccano busca rebater um discurso que adentrou o campo da ideologia e enraizou culturalmente a noção de que a

homossexualidade decorre da relação estabelecida entre mãe e filho, assim como a ideia, mal concebida, que confunde sujeitos homossexuais e transexuais ao presumir que gays desejam mudar seu sexo biológico.

O segundo exemplo ocorre no começo da história, quando os Jovens Vingadores confrontam um grupo terrorista que se auto intitula “Os Filhos da Serpente”. Definidos como “uma seita paramilitar determinada a manter a pureza racial e moral” (HEINBERG, 2012:4), a batalha se trava enquanto os terroristas tecem comentários ofensivos à Billy, Teddy e Elijah, o único membro negro dos Jovens Vingadores. Em determinado momento do confronto, um dos atacantes recita um versículo bíblico enquanto tenta agredir Teddy, a quem chama de “sodomita”. O adolescente revela que estudou em um colégio episcopal e se indigna com o modo como o terrorista utiliza a bíblia para justificar seus assassinatos. Hulkling, então prestes a vencer o confronto, responde seu agressor com outro versículo bíblico, o adversário, por sua vez, instiga Teddy a mata-lo, transformando-o em um mártir. Entretanto, o adolescente apenas beija a bochecha do terrorista, que profere escandalizado que o herói irá arder no inferno por isso. A afirmação leva Teddy a questionar o código moral do terrorista, no qual o adolescente devia ir para o inferno por beijar outra pessoa, enquanto seu agressor, responsável por inúmeros assassinatos, se considera livre de pecados. O pequeno confronto pode ser entendido como uma metáfora do recorrente embate ideológico entre a identidade cultural homossexual e os grupos religiosos conservadores, que muitas vezes propagam um discurso de ódio e intolerância à homossexualidade.

A própria vivência do roteirista Allan Heinberg é, em parte, transposta aos personagens, permitindo uma representação criada a partir de uma experiência homossexual real, ao invés de uma baseada em estereótipos que habitam o imaginário de outras identidades culturais. Wiccano, por exemplo, cresceu em uma família judia, assim como Heinberg, e manifesta grande interesse por musicais, o que encontra paralelo no fato do próprio roteirista já ter atuado em tais produções teatrais. O fascínio de Billy por musicais fica especialmente evidente durante uma cena na qual a equipe de Jovens Vingadores, ao lado de Magneto e seu filho, Mercúrio, encontram-se na Trânsia, país fictício do Universo Marvel, e precisam disfarçar-se como moradores deste lúdico vilarejo europeu. A solução encontrada por Wiccano foi conjurar um feitiço que substituiu a vestimenta de todos os personagens pelo figurino do musical “A Noviça Rebelde”.

Por fim, o beijo do casal ocorre apenas na última edição da maxissérie. Após a resolução de todos os conflitos da narrativa, os Jovens Vingadores decidem se reunir para discutirem o futuro da equipe, o que resulta na dissolução do grupo. Logo em seguida somos apresentados à uma sequência de quadros, que retratam uma longa passagem de tempo, nos quais Wiccano é retratado em estado de profunda melancolia, não reagindo aos estímulos de seu irmão, Célere, nem de Teddy. A situação é interrompida quando Hulkling confronta seu namorado lhe dizendo que o problema já persiste a meses e eles precisam conversar. Ao questionar Teddy sobre se este desejava terminar o relacionamento, Billy é surpreendido com uma resposta negativa de seu namorado, que ressalta que Wiccano não vai escapar dele, “até que a morte nos separe” (HEINBERG, 2012:111). Billy pergunta se isto foi uma proposta de casamento, ao que Teddy responde que isso depende, “vai mexer seu traseiro e fazer alguma coisa?” (HEINBERG, 2012:111). O casal se beija logo em seguida, em uma ilustração que ocupa três quartos da página e não possui cenário ou requadro, recurso que aumenta o envolvimento do leitor com a narrativa, permitindo que a ação ‘irrompa’ na direção do espectador (EISNER 1995:46).

6. Considerações Finais

As representações constituem uma importante ferramenta ideológica que influi diretamente na formação e manutenção das identidades culturais. São responsáveis por, simultaneamente, apresentar e validar possíveis modos de ser, edificando consensos a partir do ponto de vista específico do discurso ideológico do qual provém. Neste contexto, as representações podem tanto afetar negativamente o processo de identificação de determinados grupos sociais quanto colaborar efetivamente na constituição da tradição de suas “comunidades imaginadas” Por esse motivo é necessária a análise crítica das representações, garantindo que estas não se prestem apenas à reprodução de estereótipos nocivos e limitantes, mas sim permitam a discussão das pautas específicas do grupo representado, preservando sua história e práticas culturais.

As diversas representações negativas de homossexualidade veiculadas pela mídia, aliadas à instituição da heterossexualidade como consenso, contribuíram para a invisibilização e marginalização desta identidade cultural. Aos poucos este cenário começa a mudar, mesmo em meios mais tradicionais, como é o caso dos quadrinhos de super-heróis estadunidenses. Graças a mudanças demográficas tanto no público de tais obras quanto em

seus autores, a diversidade sexual passa a figurar mais proeminentemente no universo dos super-heróis.

O casal formado por Wiccano e Hulkling é um bom exemplo desta nova realidade. Os personagens fogem de estereótipos preconceituosos e apresentam-se como sujeitos dotados de identidades plurais. O mérito desta representação reside no modo como o roteirista Allan Heinberg expõe diversos aspectos de uma vivência homossexual, alguns provenientes de sua própria experiência pessoal, nas narrativas destes personagens, porém compreendendo que estes não são exclusivamente definidos por suas sexualidades. O resultado é uma representação que, ao mesmo tempo em que dá voz às pautas políticas da comunidade gay e reconhece a cultura deste grupo, também apresenta personagens complexos propõem experiências próprias.

Referencial Teórico

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BELELI, Iara. “**Eles (as) parecem normais**”: **visibilidade de gays e lésbicas na mídia**. Bagoas: estudos gays, gêneros e sexualidades, Natal. Jan-jun. 2009. Vol. 3, n. 4, p. 113-130.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

FRY, Peter. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

FUREY, Emmett. **Homosexuality in comics**. Disponível em: <<http://www.comicbookresources.com/?page=article&id=10795>>. Acesso em: 03 abr 2016.

GUERRA, Fábio Vieira. **Super-heróis Marvel e os conflitos sociais políticos nos EUA (1961-1981)**. 2011. 230 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HARRISON, Andrew. **Framed! Meet the creators shaking up modern comics**. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/books/2016/feb/07/kapow-creators-shaking-up-comics-saga-bitch-planet-wicked-and-the-divine>>. Acesso em: 03 abr 2016.

MCCLLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: Makron books, 1995.

PRADO, Marco Aurélio Máximo.; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

SOARES, Murilo César. **Representações e comunicação: uma relação em crise**. Líbero, São Paulo. Dez. 2007. Ano X, n. 20, p. 47-56.